



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

### PROJETO MEMÓRIA ORAL

#### ADELÍCIO DA SILVA FREIRE

Hoje, 08 de junho de 2009, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do funcionário Adelício da Silva Freire, para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

**Ana Elisa Antunes Viviani:** Senhor Adelício, boa tarde.

**Adelício da Silva Freire:** Boa tarde.

**AV:** Eu queria iniciar esse depoimento, pedindo que o senhor nos contasse um pouquinho sobre a cidade onde o senhor nasceu, um pouco da sua família, que profissão os seus pais tinham.

**AF:** Olha, eu nasci na cidade de Pompéia, um município de São Paulo, Estado de São Paulo. A minha família, sempre me foi dito que trabalhava na lavoura. Eram lavradores. Acho que o único, além de mim, logo no início, diz que foi, acho que em 1956, 1957, teve um irmão mais velho que ele também trabalhou em serviço público, trabalhava na prefeitura, no interior. Daí depois ele ficou doente, veio embora para São Paulo, fez tratamento e depois voltou. Depois ele continuou mais uma temporada e depois não sei. Ele saiu da prefeitura, veio para São Paulo e trabalhava

de pedreiro. Aí depois ele entrou na SABESP<sup>1</sup>. Nem SABESP não era naquele tempo, naquele tempo era RAE<sup>2</sup>, hoje é que é SABESP. Era RAE, depois foi para DAE<sup>3</sup>, hoje é SABESP. A profissão dele, ele era pedreiro. Aí, como ele teve uma oportunidade aqui, então ele fez um curso de radiotelecomunicação, e trabalhou até, eu acho, uns dois anos atrás, e se aposentou na profissão de radiotelecomunicação.

**AV:** E lá em Pompéia...

**AF:** Não, porque o que acontece é o seguinte, eu não conheci a minha cidade. Quando eu vim para São Paulo, eu vim... eu nasci em Pompéia, mas não fui criado em Pompéia.

**AV:** E foi logo novinho que o senhor veio para São Paulo?

**AF:** Não. Dali eu fui para uma cidade... Pompéia fica na Alta Paulista, depois eu mudei para uma outra cidade, lá para Noroeste, chamada Guarantã. Quando eu cheguei em Guarantã, eu deveria ter, acho que uns quatro, cinco anos. Eu morei lá até os treze anos. Depois de lá eu vim para São Paulo. Eu morei no Tucuruvi. Eu cheguei no Tucuruvi no final de 1959, início de 1960. Morei no Tucuruvi. Até 1975, eu morei no Tucuruvi. Foi até dezembro de 1975. Aí depois eu mudei para o Itaim Paulista, que é onde eu moro hoje.

**AV:** Então faz tempo que o senhor está no Itaim Paulista?

**AF:** Eu mudei para o Itaim Paulista em dezembro de 1975.

**AV:** Então faz tempo.

**AF:** E na mesma casa até hoje.

---

<sup>1</sup> Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo

<sup>2</sup> Repartição de Águas e Esgotos

<sup>3</sup> Departamento de Águas e Esgotos



**AV:** É mesmo?

**AF:** Dali eu fui trabalhar uma temporada de pedreiro com o meu irmão, antes disso.

**AV:** Quando o senhor veio para São Paulo, o senhor veio trabalhar com o seu irmão?

**AF:** Vim para trabalhar com o meu irmão de ajudante de pedreiro dele. Aí depois ele entrou na SABESP. Daí então eu fui procurar outro ramo de serviço para trabalhar. Daí eu trabalhei numa casa de móveis. Depois da casa de móveis, eu trabalhei numa colchoaria. Naquele tempo eu ainda era menor de idade. Daí, quando eu fiz, quando eu passei para maior de idade, foi daí que a firma mandou embora. E foi daí que eu fui para uma outra colchoaria. Essa colchoaria eu trabalhei de, foi de 1963 a 1975, eu trabalhei nessa colchoaria.

**AV:** Bastante tempo.

**AF:** Depois eu saí dali e trabalhei de novo... porque tem cara que gosta e não gosta de falar o que ele faz, mas eu não tenho vergonha de dizer: trabalhei de faxineiro, quando era *Eletro radiobrás*. Daí, quando eu saí da *Eletro radiobrás*, foi daí que eu entrei na prefeitura e estou até hoje.

**AV:** Só voltando um pouquinho, antes de entrar nessa fase do senhor na Biblioteca, e quanto aos estudos do senhor? O senhor chegou a frequentar escola lá em Guarantã?

**AF:** Eu frequentei até o terceiro ano primário. Daí, quando eu vim para São Paulo, daí não deu mais para continuar. Foi quando eu trabalhava com o meu irmão. Meu irmão trabalhava até tarde. Depois eu saí, que o meu irmão arrumou no Estado aí e eu comecei a trabalhar em colchoaria, mas não tinha horário para largar. Aparecia muita entrega para fazer, então passava do meu horário, então não dava tempo de



eu me matricular, que é para eu poder acabar de completar meu estudo. Eu estudei até o terceiro ano primário, o resto, eu aprendi na raça.

**AF:** É, e pelo jeito deu para aprender bastante, não é, seu Adelício? E como é que foi a chegada do senhor na cidade de São Paulo? O senhor já tinha alguma ideia do que ia encontrar? Como era a cidade naquela época? Como era o Tucuruvi?

**AF:** Ara, vixe, de quando eu cheguei, até agora, mudou muito aquilo ali. Quem chegou no Tucuruvi na época que eu cheguei ali, se o cara passar uns dez anos sem voltar, quando ele voltar, o cara não conhecia mais. Por exemplo, hoje mesmo, hoje mesmo, agora que fizeram o metrô, alterou toda o panorama gráfico do bairro. Está tudo alterado aquilo ali, não é mais o Tucuruvi que eu conheci, não.

**AV:** E a cidade de São Paulo, quando o senhor chegou? Seu irmão já tinha dado uma ideia como era?

**AF:** Olha, meu irmão disse que era uma cidade muito grande e para não sair sozinho, porque, se sair sozinho, se perdia, não conseguia voltar para casa. Eu me lembro uma vez... Hoje eu conheço isso aqui como a palma da minha mão, mas naquela época eu tinha uma irmã que trabalhava em Santana, em casa de família. Aí eu vim com ela até a casa que ela trabalhava, e depois, e para eu voltar sozinho? Eu não sabia voltar e eu me perdi.

**AV:** E como é que o senhor fez?

**AF:** Ah, eu me virei, perguntei daqui, perguntei dali até encontrar uma... aí eu perguntei para um cara como é que eu fazia e ele me ensinou o lugar para eu pegar um ônibus. Aí eu peguei um ônibus e fui embora.

**AV:** Quantos anos o senhor tinha?

**AF:** Estava com treze anos. Foi a primeira vez que eu saí sozinho.



**AV:** Ficou assustado?

**AF:** Aí depois eu falei, bom, para a gente aprender tem que quebrar a cara, se você não sair sozinho, só sair com os outros, você não vai aprender é nunca. Daí então eu comecei a sair sozinho. Marcava um lugar. Eu tenho boa memória para marcar localização. Marcava num, pegava outro, pegava outro até conseguir aprender a caminhar sozinho pela cidade. Hoje não. Hoje, se me mandar ir em algum lugar, vou e volto de olho fechado.

**AV:** E os lugares que o senhor frequentava quando era adolescente? Quer dizer, o senhor trabalhava bastante, pelo jeito, mas o senhor tinha algum grupo de amigos? Costumava sair? Porque a cidade ainda era tranquila naquela época, ou não? Ou já era ... ?

**AF:** Ela ainda era tranquila. Eu tinha um grupinho, chegava de fim de semana, a gente ia para os bailes. Não era baile de salão. Às vezes um falava: “Ô, vai ter baile na casa de fulano de tal”.

**AV:** Na casa das pessoas?

**AF:** É. Era nas casas. Não é que nem hoje que é salão. Então somava aquele grupo de amigos, e tal. Tinha um colega, que ele tinha uma Kombi. Ele pegava todos os colegas e levava. Era gostoso naquele tempo...

**AV:** E era no bairro mesmo?

**AF:** Às vezes era no Tucuruvi, às vezes era na Vila Gustavo, na Vila Sabrina, na Vila Medeiros, às vezes tinha que ir para a Água Fria, Santana.

**AV:** Aqui para o centro o senhor vinha? Chegava a vir algumas vezes?



**AF:** Não. O centro eu não conhecia, não. Eu comecei a conhecer o centro depois que eu comecei a trabalhar numa outra... porque eu trabalhei numa colchoaria e aí foi na segunda colchoaria que eu comecei a trabalhar. Uma vez eu vim com o patrão aqui para o centro, que ele morava aqui no Bom Retiro. Então, de vez em quando... tinha uma loja aqui na... eu sei que era perto da Praça do Correio, não me lembro o nome agora... ele costumava comprar tecido para colchão e de vez em quando eu vinha buscar material aí, buscar tecido, comprava barbante.

**AV:** Bom, o senhor ficou bastante tempo trabalhando em colchoaria. O senhor aprendeu... isso que o senhor aprendeu na colchoaria depois ajudou o senhor nessa carreira que o senhor teve dentro da Biblioteca?

**AF:** Não, porque era totalmente diferente uma coisa da outra. Quando eu entrei na Biblioteca, o primeiro serviço meu era coleta de jornal, ir nas redações buscar jornais e, duas vezes por semana, ir aqui no Correio para pegar correspondência.

**AV:** E como que o senhor toma contato com a Biblioteca Mário de Andrade?

**AF:** Quando eu entrei na Mário de Andrade?

**AV:** Como foi? O senhor já conhecia a Biblioteca?

**AF:** Não.

**AV:** O senhor veio a conhecer quando veio trabalhar nela?

**AF:** Foi assim, quando eu entrei na Biblioteca, eu entrei através de um político.

**AV:** Um político?

**AF:** É.



**AV:** Quem era? O senhor lembra?

**AF:** Eu só sei que ele chamava Aurelino, mas do quê, eu não sei, não me lembro o sobrenome dele. Tem aquela minha irmã que trabalha no Estado e ela estava conversando com ele e ele: “Ah, posso arrumar serviço para ele na prefeitura”. Aí ele falou para falar comigo. Naquela ocasião ele atendia a gente em São Miguel, ele morava em São Miguel. Aí eu fui lá, fiz uma entrevista com ele. Ele perguntou umas coisas e tal e aí ele mandou que eu viesse aqui no Legislativo aqui na...

**AV:** Aqui no Viaduto Maria Paula?

**AF:** Aqui no Viaduto Maria Paula. Só que eu não me lembro do nome que era agora. Aí eu fui. Ele me deu uma carta de apresentação e eu me apresentei no DAMU, que naquele tempo era na avenida Prestes Maia, ali próximo da Estação da Luz. Eu nem acredito no que é aquilo lá hoje. E dali me mandaram aqui para a Mário.

**AV:** Eles estavam precisando de pessoas para trabalhar?

**AF:** Eu vim aqui para a Mário. Tinha aqui na Mário e tinha acho que na Lapa, mas eu falei: “Ah, não. Eu prefiro aqui no centro.”

**AV:** Era mais perto para o senhor.

**AF:** Eu sei que eu cheguei aqui na Mário. Eu sei que eu cheguei aqui e já me mandaram... Naquele tempo a diretora era a dona Noemi do Val. Aí eu fui lá e falei com ela. Ela me mandou lá para os Periódicos. Ela falou: “Ah, está faltando nos Periódicos, então o senhor vai para os Periódicos”. Naquele tempo quem era a minha chefe era a dona Maria de Lurdes, mas ela estava de férias e aí tinha uma outra que era a dona Elizabete que estava no lugar dela.

**AV:** Que era chefe da seção de periódicos?



**AF:** Era chefe da seção de periódicos. Aí depois me ensinaram o serviço que era para eu fazer. O primeiro serviço que eu tinha era serviço de rua.

**AV:** Um instantinho só, senhor Adelício. Como foi? Qual foi o impacto de conhecer a Biblioteca? Qual foi a sua primeira impressão?

**AF:** Ah, para mim... , quando eu cheguei ali e vi o monstro daquele prédio. Eu já tinha ouvido falar na Biblioteca.

**AV:** Ah, então o senhor já tinha ouvido falar?

**AF:** Mas não conhecia. Eu passava em frente à Biblioteca.

**AV:** E o senhor ficava curioso?

**AF:** Ah, eu ficava doido para saber o que tinha aqui dentro. Mas nem tinha na mente que um dia eu ia trabalhar aqui na Mário. Porque eu trabalhei de ajudante de cozinheiro aqui em cima na Rua Augusta, mas eu só saí porque não deu, não. Não combinei com os patrões. Tinha um que era bacana, mas tinha um outro que era cri-cri pra caramba. Aí chegou um dia que eu não estava muito legal e o cara queria falar umas abobrinhas para mim. Eu falava o seguinte: “Dá a minha conta que eu estou saindo fora”. Ele falou: “Mas, ah...”. Eu falei: “Eu não quero mais. Eu já tenho outro serviço arrumado e eu vou começar amanhã. Você não vale nada”. Aí foi quando eu saí dali e fui trabalhar na ELETRO. Depois eu saí da ELETRO e entrei na Biblioteca.

**AV:** Então o senhor foi para a seção de periódicos. O senhor poderia contar como era essa sua rotina de trabalho?

**AF:** Eu chegava de manhã e, por exemplo, lá tinha uns cartões, que era para você ir nas redações para pegar os jornais. Pegava aquilo, tinha aqueles cartões, que ficavam numa gavetinha lá. Eu olhava os cartões, saía e ia para a rua. Ia nas





redações. Tinha a *Folha de São Paulo*. Eu chegava na *Folha* e pegava vários títulos na *Folha*.

**AV:** Ah, a *Folha* já tinha outros jornais.

**AF:** Aí eu ia lá na *Folha* e ali eu pegava: *Folha de São Paulo*, *Folha da Tarde*. Naquele tempo era *A Gazeta*, *A Gazeta Esportiva* e *A Cidade de Santos*. Esses jornais eu pegava na *Folha*. Aí eu voltava e ia no *Estadão*, aí do lado. Ali eu pegava *O Estadão* e o *Jornal da Tarde*. Daí eu ia aqui do lado, ali na... – ah, que agora eu não lembro -... na São Luís.

**AV:** E isso tudo o senhor fazia...

**AF:** Eu ia e fazia tudo a pé.

**AV:** Tudo a pé? E carregando tudo isso sozinho?

**AF:** À pé e sozinho. Lá na *Folha* tinha umas cordinhas e aí eu amarrava tudo nas cordinhas que ficava mais fácil para carregar. E três vezes por semana tinha que ir no Correio para buscar correspondência, era segunda, quarta e sexta. Tinha um setor lá no Correio que eu detestava. Era a Alfândega. Quando chegava ali os caras me davam uma canseira na gente!

**AV:** Tomava chá de cadeira. E o que o senhor ia retirar lá?

**AF:** Retirava jornais, retirava livros de outros estados e outros países.

**AV:** Tinha bastante?

**AF:** Ah, tinha! Era isso aqui, olha, era essa procuração aqui. Você pode ver que aqui até tem o número da caixa postal: 8170.



**AV:** Ah, ficava lá. E aí a Alfândega tinha que liberar e era sempre complicado.

**AF:** Quando você chegava lá e estava liberado era uma beleza. E quando chegava e não estava liberado? Aí o cara falava: “Olha, vai demorar”. Então eu falava: “Ah, então deixa aí que depois eu venho buscar. Amanhã eu venho buscar. Eu não vou esperar o fiscal liberar, não, que ele vai me dar uma canseira daquela.” E dava canseira. Quando você chegava lá e estava liberado era só chegar e ir embora. Agora, quando não estava liberado, os caras davam um chá de cadeira na gente ali que...

**AV:** Quanto tempo o senhor ficou nesta função?

**AF:** Acho que dois anos.

**AV:** Bastante.

**AF:** É, foram dois anos. Eu entrei em 1976 e fui até 1978. Aí depois eu comecei a fazer outro tipo de serviço na Biblioteca. Aí a chefe foi, que era dona Maria de Lurdes. Aí ele chegou e falou: “Olha, senhor Adelício, agora, a partir de hoje...”, foi até numa sexta-feira. Aí ela falou: “A partir de segunda-feira o senhor não vai mais fazer serviço de rua, a coleta de jornal. O senhor vai trabalhar aqui no serviço interno.” Aí eu falei: “Tá bom.”

**AV:** Para o senhor foi ok?

**AF:** Para mim não...

**AV:** Tanto faz?

**AF:** Para mim tanto faz quanto tanto fez. Para mim não tem problema. Aí foi então que eu aprendi as localizações, que eu não sabia nada de localização.

**AV:** E o pessoal deu um treinamento? Como é que foi? Falaram como é que fazia?



**AF:** Não. O pessoal me deu só uma indicação assim por cima é que aqui a cabeça funciona. Aí tinha um senhor que trabalhava lá... como era o nome dele?... Senhor José Amaral, que era ele que registrava revistas e jornais que vinham. Então tinha um carimbinho que ele colocava assim num canto do jornal. Colocava e marcava os números. Eu olhei assim... Depois ele saía. Eu ia guardando as revistas, guardando os jornais. Aí uma vez eu perguntei para ele, eu falei... o pessoal chamava ele de Amaral...Aí eu falei: “Ô, senhor Amaral, o que é esse carimbinho aqui? O que significa essa numeração aí? Aí foi que ele me explicou: o primeiro era o andar, o outro número debaixo era o número das estantes e as letras que eram de A a G. Era A, B, C, D, E, F, G, que eram as prateleiras. A prateleiras eram alfabetizadas, por ordem alfabética. Aí eu peguei isso aí e nunca mais esqueci até hoje.

**AV:** E como era a rotina do senhor? Como era o dia-a-dia nesse trabalho?

**AF:** Ali dentro da Biblioteca eu fazia o atendimento.

**AV:** Então era o atendimento mesmo na parte de periódicos?

**AF:** Ali tem aquele formulário de pedido, então o leitor chegava lá, preenchia aquilo lá com todos os dados, o nome dos jornais ou revistas que ele queria. Então lá na Mário tem aquela... não sei se você chegou a ver lá o “montar carga”, que a turma fala, aquele elevador pequeno. Então tinha umas caixinhas. Dentro daquele elevador tinha umas gavetinhas, cada gavetinha era um andar. Então ele colocava aqueles pedidos dentro daquelas gavetinhas. Então subia até o andar. Daí eu subia lá, pegava o material nas prateleiras e mandava de volta para o leitor.

**AV:** Ah, era o senhor que pegava o material na prateleira?

**AF:** Eu. E tinha outros colegas também que pegavam.



**AV:** Quantas pessoas então trabalhavam? O senhor então ficava num andar ou não?

**AF:** Ficavam dois ou três num andar, por andar.

**AV:** Não era meio solitário, não, senhor Adelício?

**AF:** Não, porque, sei lá, eu gostava de pegar uma revista, um jornal e começava a ler. Era a coisa que salvava ali.

**AV:** O senhor se distraía olhando.

**AF:** Eu me distraía lendo.

**AV:** E ia conhecendo o acervo, também.

**AF:** E ia conhecendo os assuntos, também, que era importante, porque, modéstia à parte, eu tenho muita coisa arquivada na mente. É tanto assunto de revista, principalmente de revista, arquivado aqui na minha mente que não é fácil, não.

**AV:** E quanto tempo o senhor ficou? Em que andar que o senhor ficava?

**AF:** Olha, quando eu ficava na Biblioteca, que eu ficava... porque isso foi antes da reforma de 1992, que começava do 14º para cima. Era do 14º até o 21º.

**AV:** Só de jornais e revistas.

**AF:** Só jornais e revistas. Porque a revista era 14º, 15º e 16º. Do 17º para cima, até o 22º, era só jornal. Tinha vários títulos de jornal, não era um título só, não.

**AV:** Então quanto tempo que o senhor ficou nesta função, senhor Adelício?



**AF:** Ah, até quando fechou a Biblioteca lá, até quando eu fui lá pro...

**AV:** E durante esse tempo todo, senhor Adelício, houve alguma modificação na rotina de trabalho? O senhor teve algum tipo de treinamento ou foi aquilo que o senhor sabe fazer...?

**AF:** Não. A única foi quando eu entrei, essas pequenas orientações que esses colegas, que o senhor Amaral me deu que... eu aprendi a fazer o resto. A pergunta é seguinte: eu aprendo as coisas com a maior facilidade e sou difícil de esquecer. Depois que eu estava lá, vários colegas passaram por lá. Eu orientei como eles faziam. Tanto é que tinha uma colega que trabalhava com a gente lá, quando ela chegou na seção, ela não sabia nada.

**AV:** Aí o senhor explicou tudinho.

**AV:** Aí eu expliquei tudo para ela. Tinha outros colegas e ela não perguntava nada para eles. Ela vinha perguntar para mim. Aí eu expliquei o máximo que eu pude de ensinar o que eu sabia, o que eu pude passar para ela, eu passei. Aí depois ela saiu, ela foi para a Saúde. Aí, quando ela saiu, ela falou: “Olha, daqui de dentro você é um professor. Você ensina tudo direitinho.” “Eu não sou professor aqui dentro”, eu falei para ela. “Sou estou, apenas, passando para os colegas, o que foi passado para mim” Agora, o conhecimento que eu tenho aqui dentro eu não posso passar para ninguém, isso eu tenho comigo. Eu passo para vocês, explico, como que é esse, como é que faz aquilo, aí eu ensino, mas o conhecimento que eu tenho na cabeça, esse vai ficar comigo para o resto da vida, esse ninguém vai tirar. E não tira mesmo.

**AV:** E como era o relacionamento entre os funcionários, senhor Adelício?

**AF:** Olha, eu nunca tive atrito com ninguém, nem com chefia, nem com colega.



**AV:** E durante esse tempo todo na Biblioteca, teve algum diretor que teve um cuidado especial com o setor que o senhor trabalhava, com periódicos, algum que tenha tido alguma preocupação, algum diretor que tenha se destacado, na opinião do senhor, que tenha conversado para saber das necessidades de vocês?

**AF:** Olha, o único que esteve lá que eu me lembre foi o Dr. Francisco. Ele eu acho que foi o único.

**AV:** Que subiu para conhecer...

**AF:** Ele subiu para conhecer os funcionários todos, porque a maioria parecia que tinha medo de subir naquela torre. Porque, sabe o que acontece? Segundo a história que eu ouvi contar é que essa Biblioteca aqui parece que é assombrada.

**AV:** E o senhor tem alguma história? O senhor chegou a ver alguma coisa?

**AF:** Já.

**AV:** Ah, então conta para a gente, senhor Adelício.

**AF:** Xiiiiiii, cansei de ver coisa. Eu me lembro uma vez, quando eu estava no... isso foi quando a Biblioteca fechava às seis horas... aliás, eram cinco horas, porque o último que saía era eu. Eu saía às seis horas. Então eu tinha a incumbência da diretoria, porque uma vez deixaram aberto e molhou tanto material que estragou um bocado de coisa. Aí depois a chefe falou para mim: "Olha..."... isso foi a partir de 1992, quando nós voltamos para lá. Aí a chefe falou para mim: "Olha, o senhor vai ficar com a incumbência de fechar todos os vidros e apagar todas as luzes".

**AV:** De todos os andares?

**AF:** De todos os andares. Eu subia. Ia lá no 22º. Subia de elevador até o 21º, depois subia até o 22º, aquela escadaria. Subia lá e ia descendo, fechando vidro e



apagando as luzes. O pessoal falava: “O senhor não tem medo?”. E eu falava: “Não, por quê? Vou ter medo de quê?”. Tenho medo dos vivos. Morto não faz mal a ninguém, não.

**AV:** E aí?

**AF:** Ah, eu cansei de ver vulto lá dentro.

**AV:** Vulto, é? Lá nos periódicos?

**AF:** Periódicos.

**AV:** E em que setor mais, da Biblioteca, que o senhor lembra?

**AF:** Olha, onde tinha muito era no 18º e eu não sei por quê. Eu acho que no 18º andar, eles tinham uma funcionária que ela era bem antiga e eles diziam que aquilo lá era dela, que aquele andar era dela, que ninguém tomava aquele andar dela. Daí eu entrei lá e falei: “Isso aqui não é seu, nada, isso daqui é de todos nós. Amanhã ou depois você empacota e fica aí. Vem outro no seu lugar.” Ela falava: “É nada, eu vou é ficar aqui”. “Então fica...”, eu falei, “...o problema é seu”.

**AV:** E foi nesse andar que...

**AF:** É. Foi no 18º. Então eu falei: “Bom, então fica. O andar é seu? Então fica com ele.”

**AV:** Que outras histórias que o senhor tem, que são curiosas, para contar, curiosas, para contar da Biblioteca?

**AF:** Ah, tem muita coisa. Tem tantas coisas. Eu tenho muita angústia quando eu lembro, porque tem muitas coisas que eu não...



**AV:** É porque eu soube por outros funcionários que a Biblioteca chegou a ter velórios, não é?

**AF:** Tinha. Quantas vezes eu não fiquei ali?

**AV:** O senhor se lembra se teve alguém, alguma figura pública que tenha ficado lá.

**AF:** Ah, caramba, deixa eu ver se eu me lembro de um... Eu sei que teve um, era um escritor, só que eu não estou lembrando o nome dele.

**AV:** Quando foi, o senhor se recorda?

**AF:** Isso foi em 1980, agora o mês eu não lembro.

**AV:** 1980? Vou confiar na memória do senhor.

**AF:** 1980.

**AV:** E, senhor Adelício, como foi essa primeira reforma no governo da Marilena Chauí, na gestão dela, como secretária? O senhor se lembra o que aconteceu, como foi?

**AF:** Como assim? Da reforma do quê?

**AV:** Da reforma da Biblioteca, essa de 1991-1992.

**AF:** Me desculpe, mas, com toda sinceridade, foi uma péssima reforma, pelo seguinte, a parte elétrica e hidráulica foi uma droga, porque começou a estourar cano d'água, fio elétrico entrando em curto circuito.

**AV:** O senhor chegou a ver isso? Isso foi durante ou foi depois?





**AF:** Depois. Foi depois da reforma.

**AV:** Depois da reforma?

**AF:** Tanto é que depois, em vez de eles colocarem um cano de..., colocaram aquele cano de plástico, que ele não aguenta calor que ele estoura. Aí sim, daí eu não me lembro que ano que foi que eles falaram que fosse funcionário da própria prefeitura... aí sim eles vieram e reformaram a parte hidráulica. Aí, sim, ficou boa. Aí daquele dia para cá nunca mais deu problema.

**AV:** Isso foi mais recente, não é?

**AF:** Mais para a frente e mais recente.

**AV:** Acho que uns cinco anos. O senhor se lembra em que andar?

**AF:** Eu me lembro que antes de sair da Biblioteca, lá em cima, na casa das máquinas, tinha uma rachadura feia na parede.

**AV:** E aí? Consertaram?

**AF:** Consertaram antes de irem embora.

**AV:** Ah, isso na última reforma?

**AF:** Agora, há um ano e pouco, quando a gente saiu de lá. Eu sei que tinha uma parede que estava rachada lá de cima do teto até embaixo no chão e tinha uma abertura deste tamanho assim na parede, que dava para você colocar mais de um dedo dentro da fresta que tinha. Dava até medo de subir lá em cima.

**AV:** Isso lá do 22º?



**AF:** Não. Era acima do 22º. Era na casa das máquinas.

**AV:** Ah, onde está a escadaria. Antes de falar dessa reforma, senhor Adelício, naquela reforma anterior o senhor continuou trabalhando na Biblioteca ou o senhor foi para outro lugar?

**AF:** Não nessa, na anterior a essa?

**AV:** Na anterior.

**AF:** Na anterior, na de 1992 eu fui para o Tatuapé, na Cassiano Ricardo.

**AV:** E o senhor ficou trabalhando no que lá?

**AF:** Como eu mexia com negócio de jornais, a chefe lá... Lá eu trabalhava na portaria. Como lá a chefe ficou sabendo que eu trabalhava com jornais, ela me deu a tarefa de separar os jornais lá em cima, num andar. Era um quatinho. Quando eu cheguei lá que eu olhei aquilo ali me deu um desânimo.

**AV:** Estava a maior bagunça?

**AF:** Ih! Põe bagunça nisso!

**AV:** Estava tudo desarrumado e o senhor teve que arrumar?

**AF:** Estava tudo desorganizado.

**AV:** O senhor estava acostumado tudo do jeitinho na Mário.

**AF:** Aí eu falei para ela: "Olha, dá para arrumar isso aqui. Só que vai demorar um pouco, porque eu gosto de tudo arrumado e de fazer o serviço conforme o que deve ser feito. Vou botar tudo em ordem de data, primeiramente eu vou separar título por



título os jornais e depois eu vou colocar em ordem de data. E eu vou fazer uma coleção. A outra coleção eu vou deixar do lado. Você quer ou você não quer que faça outra coleção ou você vai descartar?” Ela falou: “Não. Faça uma coleção”. Aí enquanto eu estive lá eu fiquei responsável por esse serviço. Às vezes vinham alguns pesquisadores pesquisarem jornal e eu que ia lá, pegava o jornal, punha na mão dele e dizia: “Por favor, o senhor me entregue arrumado do jeito que está, o mais possível que der para o senhor arrumar, porque, se o senhor não arrumar, o próximo que vir vai achar tudo desarrumado, e quem que tem que cuidar dessa parte são os senhores que são os leitores. O senhor é que tem que preservar isso aí.” Aí eles falavam: “Não, está tudo bom, está tudo certo” Aí, quando o cara vinha devolver o pacote, entregava tudo arrumadinho, melhor até do que quando ele pegou.

**AV:** Então o senhor dava boas instruções para o leitor.

**AF:** Eu falava: “Quem tem que cuidar disso daí são os senhores, que são os leitores. São vocês que precisam disso aí. Eu também preciso. Todos nós precisamos desse material”. Uma vez eu falei para um leitor: “A história que tem dentro dos jornais é a história do mundo. Tudo o que você vê numa data de notícia que você quer, mesmo que você não saiba assim uma data, aproximada, você vai encontrar o que você está procurando. Então isso aqui você tem que preservar com o maior carinho”. É isso que eu faço até hoje.

**AV:** E quanto tempo o senhor ficou lá na Biblioteca Cassiano Ricardo?

**AF:** Lá eu fiquei nove meses.

**AV:** Aí foi o tempo da reforma.

**AF:** Foi o tempo da reforma.

**AV:** Aí depois o senhor voltou...



**AF:** Para a Cassiano, eu fui em janeiro, janeiro de 1991. Depois eu voltei para lá em outubro de 1992. Fiquei dez meses. Nesse tempo, nem passar em frente da Mário eu passava, porque eu morava na zona leste.

**AV:** O senhor já trabalhava ali e nem vinha para cá. E, nessa reforma de 1992, o que vocês fizeram com esses periódicos todos que ficavam guardados num andar? O senhor se recorda como foi feito? Vocês tiraram os jornais?

**AF:** Olha, me parece, eu não tenho bem certeza, que foi colocado dentro de uns *containers*. Esses *containers* ficaram do lado de fora, do lado da Biblioteca ali.

**AV:** E o senhor trabalhou nisso?

**AF:** Eu não trabalhei com isso não.

**AV:** Foi uma equipe da empresa ou da Biblioteca?

**AF:** Parece que foi a mesma empresa de que foi alugado esses *containers* que armazenaram esse material. Mas eu não sei nem como foi armazenado porque eu não participei dessa organização.

**AV:** E quando o senhor voltou para a Biblioteca, já estava de volta no lugar? O material já estava nos andares, só que nós tivemos que organizar tudinho de volta, pôr tudo em ordem.

**AV:** Então puseram o material lá, mas...

**AF:** Puseram, mas não deixaram tudo na ordem cronológica, como deve ser colocado.

**AV:** Daí vocês tiveram que fazer tudo.



**AF:** Aí nós tivemos que fazer tudo. Aí teve uma vez lá que o chefe lá deu uma ordem que o 21º era por minha conta.

**AV:** O senhor ficou com um andar sozinho?

**AF:** Fiquei com um andar sozinho. Ele falou que a organização e a arrumação daquele andar era todinha minha e que era por minha conta. Aí foi quando aconteceu aquela reportagem ali.

**AV:** Ah, mas isso já foi um pouco mais recente, não é?

**AF:** Isso foi mais recente. Eu trabalhei ali a partir de 1992. Eu sempre trabalhei na parte de jornais e revistas, mas, antes disso, quando tinha pesquisas de jornais... Então eu sempre trabalhei nos jornais, nos jornais e revistas. Às vezes faltava algum colega... Eu trabalhei mais na revista. Às vezes, quando faltava algum colega do jornal, a chefe falava: "Agora você vai lá para o jornal, fulano não veio". "Tá bom". Às vezes precisava também fazer... Eu sempre trabalhei em biblioteca e às vezes precisava entregar alguns processos aí na nos setores da prefeitura. Naquele tempo eu conhecia tudo, hoje eu não conheço mais nada. Nos departamentos da biblioteca, eu entregava.

**AV:** Mudou muito?

**AF:** Como mudou! Mudou e como mudou!

**AV:** Então o senhor poderia contar um pouquinho como mudou. Em todo esse tempo, o que o senhor pode dizer, que o senhor viu que aconteceu nessa mudança, se melhorou se piorou. Como é que... Esses setores, o que o senhor acha em todo este tempo que o senhor está lá?



**AF:** Olha, para falar a verdade, eu quase não participei de nada dessas mudanças, porque, quando eu fui para lá eu fiquei num andar e não saía do andar. E às vezes, quando eu ouvia qualquer comentário, eu falava: “Olha, eu não vou participar de comentário nenhum porque eu não gosto nada disso”. Só quando eu ia em algum lugar que tinha que falar alguma coisa aí eu falava, mas, do contrário, eu ficava no meu canto.

**AV:** De vez em quando tinha alguma reunião que juntava todos os funcionários? Aconteceu isso alguma vez, que um diretor vem, alguém vem e chama todos os funcionários para passar alguma coisa para todo mundo?

**AF:** Que eu me lembro só teve uma vez, agora eu não me lembro o ano.

**AV:** O senhor se lembra quem era o diretor da Biblioteca?

**AF:** Agora eu não me lembro. Eu só lembro que era uma diretora, mas o nome da diretora eu não lembro. Eu já passei por tanta diretora na Biblioteca que eu já nem sei mais.

**AV:** E, da revista, que títulos o senhor organizava, que o senhor conhece super bem?

**AF:** De cabeça?

**AV:** É.

**AF:** Vários. Quer ver? Revista *Manchete*, revista *Cruzeiro*, revista *Veja*. Tinha muita revista de política também. Tinha também a *Isto É*. Ah, tinha muita revista que agora eu não me lembro.

**AV:** O senhor gostava de... O senhor tinha um tempinho para ficar dando uma folheada nessas revistas?



**AF:** Às vezes, sim, e às vezes, não. Porque às vezes tinha dia dentro da Biblioteca, não agora que ela fechou, mas antes de 1992, geralmente no fim de semana, quando a Biblioteca abria. Tinha dia que ela abria de domingo. Eu me lembro que, num sábado, que é quando eu trabalhei do 14º para cima, que era 14º, 15º e 16º e eu peguei esses três andares, porque o que dava mais era o 14º.

**AV:** E o que tinha no 14º?

**AF:** Lá tinha o mais importante. Tinha a revista *Veja*, *Manchete*, *Cruzeiro*, que essa revista *Cruzeiro* hoje está aí na seção de raros.

**AV:** Quando que foi para o raro, o senhor sabe?

**AF:** Não, mas me lembro que fui eu que levei.

**AV:** E o senhor sentiu muita falta da *Cruzeiro*, que era uma revista melhor?

**AF:** Acho que foi em 1992, que foi quando a Biblioteca reabriu.

**AV:** Foi em 1992 então que ela desceu para o raros, então?

**AF:** Se não me engano foi no ano de 1992 que ela foi para o raros, a revista *Manchete*, *Manchete*, não, *Cruzeiro*. Porque, você sabe que tem duas *Cruzeiros*, não é?

**AV:** Coleção completa ou assim duas revistas diferentes?

**AF:** Duas revistas. Tem a *Cruzeiro* e a *Cruzeiro Internacional*, mas só que ela só tem o nome de *Internacional*, porque no escrito é tudo em português. É só o nome que é *Internacional*, mas é em português.



**AV:** E o senhor deu um pulinho lá para conhecer o setor de raros?

**AF:** Eu conheci o setor de raros, mas, falando sério, você ia lá e o cara já ficava tudo de olho em você. Você não podia nem encostar que parecia tudo de ouro ali. Por exemplo, se você mexia, ele dizia: “Olha, aqui você tem que usar luva”. E eu concordo com ele que tem que usar luva.

**AV:** E aí agora o senhor trabalha com periódicos?

**AF:** Na Adelpha, sim.

**AV:** E lá o senhor usa luva, máscara?

**AF:** Lá não se usa essa luva de silicone.

**AV:** O senhor usa qual luva?

**AF:** Eu uso a luva de tecido, está aqui, quer ver? Está na mala. Eu quis pegar a outra, mas está suja, então eu não peguei.

**AV:** Tem que pegar a limpinha, não é?

**AF:** Olha aqui.

**AV:** Ah, o senhor acha melhor para trabalhar?

**AF:** Esta é muito mais prática para trabalhar. E outra, esta aqui transpira, a de silicone não transpira. Eu deixei essa luva lá e acabei esquecendo.

**AV:** Foi instrução de alguém para usar esta luva?

**AF:** Não, não.





**AV:** Foi o senhor mesmo que começou a usar?

**AF:** Fui eu mesmo que comecei a usar porque começou a me dar uns carocinhos aqui.

**AV:** Porque os jornais são mais velhos lá, não é?

**AF:** E também porque começou a me dar esse negócio aqui na mão e eu falei: “Não. Isto aqui está errado”. Aí eu cheguei em casa, lavei a mão bastante com sabão e passei álcool. Daí depois eu comprei para mim essas luvas para começar a usar. Essa luva aí tem que comprar, porque a prefeitura não tem. Ela não fornece esse tipo de luva.

**AV:** Só a de látex, não é?

**AF:** Só a de látex. Só que a de látex para mim não serve.

**AV:** E, senhor Adelício, agora, com essa reforma, o que o senhor achou? Senhor participou de alguma coisa?

**AF:** Até agora eu não participei de nada, dessa segunda, não.

**AV:** Isso porque, logo que começou, vocês foram lá para a Adelpha?

**AF:** Não, não foi para a Adelpha.

**AV:** Para onde o senhor foi?

**AF:** Logo que fechou a Biblioteca para a reforma, eu fiquei duas semanas em Santo Amaro, na João Dias. Quando foi na terceira semana, foi aí que ligaram para a gente que era para ir para a Adelpha, que eu nem sabia direito onde que era.



**AV:** Mas para o senhor era bem melhor, não é?, do que lá ...

**AF:** Aí eles me deram o endereço. Eu já tinha ido lá, mas já fazia muitos anos e eu não me lembro direito onde é que era. Aí me deram o ônibus que eu tinha que pegar para ir e aí eu fui.

**AV:** O senhor já conhecia a coleção que tinha lá na Kennedy?

**AF:** Já.

**AV:** E como quê ... ?

**AF:** Na Kennedy, lá está..., lá tem *Diário Popular*, tem o *Diário de São Paulo*, se não me falha a memória... eu não me lembro a data dele agora... mil oitocentos e... o primeiro eu não me lembro, mas o último eu me lembro.

**AV:** Qual? D'O Estado de São Paulo? A Província de São Paulo?

**AF:** Não, não é o A Província de São Paulo? É o *Diário de São Paulo*. O primeiro eu não me lembro a data dele, mas o último eu lembro, dia, mês e ano.

**AV:** Qual?

**AF:** Do *Diário de São Paulo*. Eu posso falar aqui e depois você ir lá e conferir.

**AV:** Qual foi, senhor Adelício?

**AF:** Foi dia 14 de julho de 1979.

**AV:** Foi quando pararam de...

**AF:** Foi quando parou o *Diário de São Paulo*. E outra coisa, o último jornal dele, ele não veio como "publicação encerrada", ele estava "publicação interrompida".



**AV:** E como é que é? Eles notificam a biblioteca quando isso vai acontecer, tipo: “vai interromper”?

**AF:** Não, porque, você pega ali e está escrito no último: “publicação interrompida”. Se você lê ali “publicação interrompida”...

**AV:** Você pensa que vai voltar, não é?

**AF:** Não, é que ele pode voltar a qualquer momento. Mas só que parou o *Diário Popular* e começou o *Diário de São Paulo* no lugar do *Diário Popular*. Só que a data que ele iniciou eu não me lembro, tem que procurar na Biblioteca.

**AV:** E aí, senhor Adelício, vocês foram lá para Adelpha e o que o senhor fazia lá, quer dizer, faz, porque o senhor ainda está fazendo?

**AF:** Lá na Adelpha a gente lá está na guarda de material. Os colegas colocam nas caixas e tem que guardar nas estantes e tem os lugares certos para guardar, tanto revista quanto jornal.

**AV:** E a parte de higienização, o senhor participou?

**AF:** Eu participei, no início. É fácil aquilo, não é bicho de sete cabeças, não.

**AV:** O senhor sabe os procedimentos, como é que tinha que cuidar do jornal?

**AF:** Eu sei, quando eu entrei na Biblioteca eu já fazia isso.

**AV:** Já fazia?

**AF:** Já. Quantas e quantas vezes eu ... não com aspirador, mas com pincelzinho.



**AV:** Ah, com pincel!

**AF:** É porque na biblioteca eles não são armazenados dentro de caixas. Ele era, por exemplo, aquela folha está aqui e ele é dobrado que nem ele vem. Hoje nem mais é assim, hoje ele é armazenado aberto. Por exemplo, que nem aquele que está ali, você armazenando daquele jeito ali, você acaba quebrando.

**AV:** Danificando o jornal.

**AF:** Quebrando e danificando as laterais dos jornais. Ele sendo guardado aberto, ele conserva melhor.

**AV:** E vocês tiveram alguma instrução para que fosse modificado esse jeito de serem guardados os jornais?

**AF:** Teve. Teve uma... eu não estou lembrado do nome dela, de uma senhora que esteve lá orientando a gente, de como é que fazia.

**AV:** Vocês tiveram um mini-curso?

**AF:** É, um mini-curso.

**AV:** E como é que está a relação entre os funcionários? O senhor sente falta de estar lá? Sente falta de ir para a Biblioteca?

**AF:** Olha, lá ninguém fala nada, porque lá é um lugar muito sossegado, muito calmo, pacífico.

**AV:** O senhor gosta?

**AF:** Eu gosto.



**AV:** O senhor não sente falta lá dos fantasminhas da torre?

**AF:** Fantasminha tem em todo o canto.

**AV:** Na Adelpha também tem, senhor Adelício?

**AF:** Isso aí, sabe o que acontece? Eu vou explicar um negócio para você. Isso aí é a minha opinião, não sei se você vai concordar comigo. Ou pode ser aqueles leitores que, como se diz, que são “ratos de biblioteca”, que não sai da biblioteca.

**AV:** Não sai mesmo, não é? Continuam até hoje.

**AF:** Ou então algum funcionário, também.

**AV:** É, como aquela dona do décimo oitavo.

**AF:** Eu não sei quem é ela.

**AV:** O senhor não se lembra? O senhor não chegou a conhecê-la? Essa que era do décimo oitavo que falava que o andar era dela? Não era no décimo oitavo andar que o senhor falou?

**AF:** É

**AV:** O senhor chegou a conhecer?

**AF:** Cheguei.

**AV:** O senhor não quer falar?

**AF:** Não sei se é ela. É porque tinha um colega que estava na parte de livros, dava aquele andar e, se você não ficava notando, ele não ia. “Esse andar aqui é meu!”.



“Que seu!”, eu falei, “aqui não tem nada seu, só o seu salário no fim do mês, e olha lá, sem trabalhar!” Eu falava isso para ele.

**AV:** Que ficava sem trabalhar.

**AF:** Porque, modéstia a parte, eu sempre fui assim, sempre falei, sempre brinquei com os colegas. Eu não gosto de ficar com cara fechada, não. A gente fica lá e brinca o dia todinho ali. Tudo brincadeira sadia.

**AV:** Assim dá, não é?

**AF:** As horas passam que a gente nem vê. A gente chega em cada lugar que a pessoa fica com a cara fechada.

**AV:** Aí não dá, não é?

**AF:** A gente passa e fala bom dia e o cara não te responde nem fala nada. Bom dia, boa tarde e o cara não te fala nada.

**AV:** Senhor Adelício, o senhor tem mais um ano e pouco para se aposentar, mas, mesmo assim, o senhor tem alguma expectativa em relação à Biblioteca, o senhor ainda imagina algum futuro especial para esta Biblioteca?

**AF:** Eu não tenho previsão certa para falar nada. Eu não sei o que vou falar, se falo mais ou se falo menos, então...

**AV:** Fala, não tem problema nenhum.

**AF:** Eu não tenho nada a dizer, não.

**AV:** Depois a gente não divulga.

**AF:** Não, não, eu não tenho nada, não. Nem nada nem pró nem contra.



**AV:** E, senhor Adélcio, depois de quase trinta e poucos anos de Biblioteca, além disso que o senhor contou, essas curiosidades, tem algum fato que tenha marcado, alguma coisa que... algum evento, alguma outra curiosidade que o senhor queira contar, deixar registrado?

**AF:** Não.

**AV:** Nada? Tranquilo?

**AF:** Tranquilo.

**AV:** Para a gente finalizar, senhor Adélcio, com relação a esta mudança na cidade de São Paulo, que o senhor, quando entrou na Biblioteca, que andava muito na cidade para ir atrás dos jornais e tudo mais, quer dizer, depois de todo esse tempo a cidade mudou bastante.

**AF:** E como mudou! E não para melhor, mas para pior. Porque de primeiro você podia sair na rua tranquilo. Agora, se você sai na rua tem que ficar olhando para tudo quanto é lado. De primeiro você saía tranquilo, era dia, era noite. Eu me lembro que quando eu era jovem a gente saía de grupinho, saía de madrugada tranquilo e sossegado. Hoje eu tenho medo até de sair do portão para fora.

**AV:** O senhor acha que a Biblioteca numa cidade como hoje, aqui em São Paulo, tem ainda condições, tem chance dela recuperar aquele público que frequentava?

**AF:** Tem. Tem muita chance, porque acontece o seguinte, quando ela voltar a funcionar aqui no centro, a informação vai ser de boca-a-boca, que é uma das melhores informações que tem. Aí um chega e fala: "Pô, a Biblioteca lá no centro voltou a funcionar!". "Ah, é? Então eu vou". Aí começa a vir um, vem outro e aí o pessoal começa a vir devagar, ou, às vezes, mesmo quando estiver aí, muitas pessoas vão continuar ligando para saber quais os setores da Biblioteca que já estão funcionando. Por exemplo, quando eu estava na seção lá em cima, a gente



recebia e passava muitas informações. Às vezes a pessoa perguntava se a Biblioteca funcionava de domingo. Aí eu falava: “Não. De domingo, não. Só de segunda”. Aí eu pegava e dava o horário que eu sabia. Quando eu estava aí eu sabia o horário todo da Biblioteca, o horário de funcionamento. Então eu passava o horário. Não era função minha.

**AV:** Mas passava.

**AF:** Mas passava. Tinha que ser no setor de informações, eu passava para o setor de informações, que o setor de informações é que informa. Agora, quando eu sabia responder alguma coisa, sim, eu respondia, agora, quando eu não sabia, então eu chamava uma bibliotecária.

**AV:** Mas o senhor sabia bastante coisa.

**AF:** Não, mas é porque às vezes as pessoas fazem certas perguntas que você não sabe responder, que você não tem resposta para dar na hora, então eu passava para a bibliotecária que estava passando, então a bibliotecária passava aquelas informações para ele para quem quer que fosse que ligasse.

**AV:** E, senhor Adelício, o senhor chegou a frequentar o auditório da Biblioteca quando ela tinha vários eventos acontecendo.

**AF:** Acho que uma ou duas vezes.

**AV:** O senhor se recorda do que o senhor foi lá ver?

**AF:** Não, porque às vezes quando começava era muito tarde. Eu trabalhava até muito tarde e o horário para mim não dava.

**AV:** Ah, o senhor saía cedo.





**AF:** Por causa da distância, por causa da condução.

**AV:** Entendi.

**AF:** Eu tenho medo é de passar da meia-noite, porque se passar da meia-noite, eu vou ter que arranjar um canto no centro da cidade por aí. E o ônibus também... o último ônibus que sai do Parque D. Pedro para o meu lado, ele sai meia-noite e meia, perdeu aquele, já era, daí só no dia seguinte.

**AV:** É muito tarde, então.

**AF:** Lá eu sei o primeiro, tanto do Parque D. Pedro, quanto o que vai para o Metrô, eu sei os horários todos, do primeiro e do último. Não, é porque há uns tempos atrás, eu tenho uma irmã que morava em Ubatuba, então eu estava sempre viajando para lá, então eu estava sempre informado do horário, tanto na ida quanto na volta, quer dizer, dependendo do horário que o ônibus chegasse aqui na rodoviária, dava tempo de você pegar o metrô e o outro, e dependendo do horário, não.

**AV:** Senhor Adelício, tem alguma coisa que eu não perguntei e que o senhor queira contar, que o senhor está assim ávido para deixar registrado?

**AF:** Não, acho que você já perguntou tudo, porque as coisas todas que eu tinha para responder, eu acho que eu já respondi tudo.

**AV:** Bom, então, senhor Adelício, eu agradeço a entrevista do senhor, em nome da Biblioteca Mário de Andrade. Espero que o senhor ainda possa dar muitas contribuições para a Biblioteca.

**AF:** Bom, eu vou ter mais um ano e meio, pode ser que eu fique mais um ano, eu não sei, acho que não, porque eu acho o seguinte, pelo menos essa é a minha opinião: você completou a sua tarefa? Dá lugar para outro que precisa. Completou o seu tempo, você cumpriu a sua missão.



**AV:** Muito sábio, senhor Adélcio.

**AF:** Não, porque eu penso o seguinte: se eu for ficar depois do meu tempo, estou tomando lugar do outro que precisa, às vezes o outro precisa até mais do que eu.

**AV:** É, o senhor dá todas as instruções para o próximo.

Obrigada, senhor Adélcio.

